



# Gaio



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Galo de Pêlo—Papa do Sousa  
Vales do Correio para Cete—Preço 1800

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares R. Santa Catarina, 628—Porto  
Visado pela Comissão de Censura

## Nota da quinzena

*E' costume receber-se cartas de homens de bem e de teres, onde se nos pede licença para que seus filhos passem um ou dois meses de férias na nossa família, pagando nós generosamente, para auxiliar.*

*Outros, aflitos, por descobrirem tendencias nos filhos, apelam para a nossa casa, como medida de redenção; e oferecem quantias avultadas. A uns e a outros agradecemos, indo, para os do segundo caso, a nossa maior simpatia; oh! corações retalhados, desgosto de toda a hora! Um filho querido com o sangue derrancado!*

*Nós, porém, temos de estabelecer doutrina e dizer que não. A Obra da Rua não é minha; é dos da rua. Obra de rapazes, para os rapazes, está escrito na bandeira. Se lhe desse outro destino, seria o seu maior inimigo.*

*Os próprios senhores que me pedem, hão-de ler e compreender.*

*Pode muito bem acontecer que outros achassem nisto uma fonte honesta de receita, e viessem a receber o menino rico para ajudar as despesas do farrapão. Pode ser. Ele há obras aonde assim se procede. E' um negócio. Ora eu quero fechar desde já este caminho aos meus legítimos sucessores. Desvirtuar a obra, é arruinar. A nossa verdadeira fonte de receita é a justiça. Esta, supõe a ordem. A ordem, é pôr cada um no seu lugar. Dentro da Obra da Rua, o farrapão é o primeiro. Isto basta para que o pão nunca nos falte. Mais. E' só por este Amor que as obras de Caridade estão sempre no rescaldo. Não há ventos que as apaguem. Que os meus sucessores leiam, compreendam e não caiam na mediocridade da fonte-sinha de receita. Doi-me tanto ir por esse mundo abaixo e saber de obras fundadas para os Pobres, com legados instituídos para o bem dos Pobres, e agora, metem-se lá senhores pintados de caridade a desfazer, cuidando que fazem. Doi-me tanto! O Pobre é o primeiro, nas obras fundadas para ele. O Catraio é o primeiro na obra dele, que é a Obra da Rua. Quem assim não lê é analfabeto.*

## O NOSSO SISTEMA

Hoje foram chamados todos quantos trabalham nos campos e nas oficinas, afim de se lhes dar conhecimento do nosso sistema de vida e marcar a quinzena que se deve a cada trabalhador. Se todos os presentes tomaram conhecimento das tendencias da obra, nem todos foram julgados capazes de entrar desde já em exercicio. Somente os cozinheiros e ajudante, dois carpinteiros, um serralheiro e quatro camponeses. Cada um destes, retirou da comunidade as suas roupas e calçado de uso e foi colocar tudo em lugar próprio, debaixo do seu dominio. O António carpinteiro, ficou com o encargo de fazer a folha do pagamento, receber do tesoureiro em conjunto, e dar a cada um consoante. De futuro, comprem eles por si mesmos, com o seu próprio dinheiro, as coisas de que necessitam, mediante nossa licença, e podem mandar fazer, em nossas oficinas, roupas e calçado a preço mais barato. Compram aonde quiserem, da côr que mais gostarem. Há dias, o Sérgio, foi a Coimbra comprar uma camisa. Chegou a casa com ela: *oh rapazes; tão caro!* Ora é isto mesmo que a gente pretende.

Isto é o ensaio de uma doutrina nova com promessa de bom exito, porque fundada na natureza das coisas. Sob o ponto de vista económico, ela supõe uma natural reserva de fundos na Obra. Nós temos de movimentar dinheiros, para responder ao encargo dos salários.

Hoje são doze. Amanhã, cem. Mas com esta vantagem: remuneramos filhos; não temos creados. Eu tenho para mim que, em obras desta natureza, creado significa usurpador. Um dos nossos pequenos vinha há dias do campo com um grande feixe de erva. Pousa ao pé de mim. Pa-

receu-me que ia dizer mal da sua vida, de cansado que vinha, mas não.

—A gente lá também tinha uma quinta, mas não a gozava!

—Então?

—Os creados é que faziam tudo.

Reparei muito naquêlê gozar. Gozar a quinta, no entender deste e doutros ex asilados que nos demandam, quere dizer trabalhar. Ora se eles já antes gozam com o trabalho, quanto mais agora, vendo em suas mãos, para seu uso próprio, suas pequeninas remunerações!

Tratando-se de uma obra social como é esta da Rua, eu não acredito que a senhora dona sociedade me deixe em apuros de não poder, pelo tempo fora, pagar o justo salário aos nossos trabalhadores. Não acredito.

Outros aspectos, ainda, se encontram no nosso sistema, como, por exemplo, o de extremar valores. O rapaz, pôsto assim à vontade, há-de necessariamente revelar-se. Mostrar o seu poder de ordem, de economia, de bom gosto. Há-de aparecer também, necessariamente, o que não se sabe governar e nesse caso, ficaremos a saber quem é o valor activo e o pêso morto da Obra, que de tudo ela há-de ter. E' assim nas famílias; nas familias numerosas. Os pais dão igual trato, mas os filhos não recebem igualmente. Cada um, segundo cada um. E' assim na sociedade.

O nosso unico desejo é atinar. O nosso compendio, a constituição da família. Como a Obra da Rua é para os sem familia, vamos buscar os ensinamentos da lareira, a fim de preparar homens sadios. Daremos noticias, a seu tempo, de como se porta o pequenino grupo de dez, que foi chamado à independencia.

## De como foi o nosso S. Pedro

*Foi balões, foguetes, fogueiras e bichas de rabiar.*

*O Oscar fôra ao Porto mais eu, compiar o fogo.*

*Entramos no estabelecimento, aos Loios. Muita gente. Um senhor, ao balcão, pergunta:*

*—Que é que o senhor abade deseja?*

*Eu olhava em roda. Parecia-me que todos olhavam para mim. Não me atrevia a falar.*

*Bichas! Bichas de rabiar. Trez mil, como eu decidira obter! Um padre que anda nas bocas do mundo por um bocadinho tocado, a comprar bichas, é necessariamente caso liquidado. Doidinho!*

*Recorri ao Oscar. Oscar defendeu bem; diz que é um futuro internacional.*

*—Faça favor de me dar trez mil bichas de rabiar e pistolas e balões e diabos na caixa.*

*O empregado atendeu e eu paguei, discretamente.*

*Isto veio do Porto. De Rio de Moinhos, o fogo do ar, e a musica, essa foi contratada em Paço de Sousa; trez musicos a 25 mil reis e de comer.*

*Ele é costume pedir para festas antes de se fazerem. Eu cá, peço depois. Ficou-nos a*

*brincadeira por uns setecentos e quê. Se nos quizerem dar os setecentos, fica o quê a nossa conta. Podem ser entregues no Depósito, dentro dum envelope, a dizer por fora — pró São Pedro, e a gente cá entrega.*

*Nem tudo se perdeu. Os mais esper-tos, apanharam canas de foguetes, aproveitaram as guitãs e com elas teem feito papagaios, que fazem voar nos recreios, a grandes alturas.*

## Livro de cabeceira

*A leitaria de Rosalina é o livro que os nossos doentes mais procuram. Na-queles dias em que Zé Eduardo esteve gravemente enfermo, foi o seu livro de cabeceira. Agora, o Inácio, também gravemente enfermo, está ocupado com ele.*

## MAIS LISBOA

Bastavam as minhas pagadas, desde que me dei à creança, para fazer caminho na direcção da capital, de tantas vezes que ali vou! Bastariam, sim, se êle não estivesse já feito, e de ferro. Pois foi êste que eu tomei.

Na estação de Coimbra, entrou o Padre Adriano. O do Mirante. Meu irmão nos gostos e socio nos gastos. Tinhamos ouvido falar da cidade dos rapazes de Albarraque, e fomos ver. O nome é sugestivo. Vamos, disse-lhe eu, em Lisboa. Há sempre algo que aprender. Quem nos dera fazer melhor!

Fomos ver os rapazes do Padre Geada, em Alfama; os ardinãs da Maria Luiza, à Calçada da Glória.

As obras, como as pessoas, são suscetíveis de perfeição. Nós temos fome e sede de perfeição, por isso mesmo gastamos tempo e dinheiro a

Continua na segunda página.



# MIRANTE DE COIMBRA

# Um caso

# Notícias da Casa do Gaiato de Miranda por Carlos Alberto Fontes

E' muito fácil meter-se a gente em casa a fingir de director, dar ordens, gastar aquilo que a Assistência manda, e, ao fim do mês, receber aquela conta certinha. Nunca faltaram directores.

Aqui, na *Obra da Rua*, tudo muda de figura: quem quizer ser o maior, faça-se o servo. Por isso são tão raras as vocações de servo e tão poucos os obreiros...

Curar, corrigir, instruir, educar cento e vinte rapazes da rua, já seria tarefa demasiado pesada para os fracos ombros dum homem só, mas os nossos trabalhos vão mais longe ainda: é preciso alimentar, vestir e calçar esta tropa quase toda, com os magnos recursos duma pobre casa de família.

Voltamo-nos para a terra, para tirar dela tudo quanto pode dar. Mas na nossa quinta não se cria a planta do café nem do açúcar; não pega a árvore do macarrão nem das patacas. Não há remédio senão pedir de porta em porta como nos tempos do *Poverelo* de Assis. Vamos primeiro bater ao coração dos comerciantes e grandes industriais. A minha surpresa é grande quando os vejo chorar!

Sempre ouvi dizer que este mundo é um vale de lágrimas, mas supunha que elas só caíssem dos olhos dos pobres, como os que encontro na Conchada, no Lojas ou no Almegue. Afinal os ricos também choram. E' a carestia de matérias primas, são os salários elevados, são os impostos, mais impostos!

Saimos dali a baralhar na cabeça os camelos, as agulhas e os cabedais. *Que difícil!*

Amaldiçoar? Para quê? Já não é pequena maldição, a esterilidade da figueira. A nossa missão é outra.

Pedir nas Assembleias é o recurso extremo. Não é vaidade, é necessidade.

Foi o que tive de fazer nos dois passados domingos. Com maior gosto, teria mandado arrancar os dentes.

Bem precisava de bom acolhimento para não desanimar logo a primeira. Só queria com que pagar a passagem dos quarenta colonos de Miranda. Os 563\$ que me deram à missa das 11 no Seminário, chegaram para isso; fiquei contente.

Celas, foi um pouquinho mais além: 810\$. Houve quem despejasse tudo quanto levava e mandasse ao número tantos por mais; houve quem deixasse na saca relógio e pulseira, até uma pobre criada—*eu tenho muita pena das crianças abandonadas*—deu tudo quanto tinha, chamou o patrão, que não tinha assistido à missa, para que também ele ajudasse com qualquer coisa.

E' comovente esta dedicação dos pobres pelos pobres. Por isso é que é deles o reino dos céus.

P.º Adriano

## Colónias

Quando êste receberes, já estão a rilhar, em Paço de Sousa, os do primeiro grupo: 40 COLONOS. São todos da marca. O Rio Tinto, e o Oscar foram ao Porto, receber das famílias e comandar, desde a estação de S. Bento à de Cête. Tomaram conta. Deram conta. Não houve azar.

Recordo agora, com saudades, os tempos mimosos das COLONIAS de Coimbra, quando no trajecto recebíamos cabazes de batatas, sacos de feijão, cantaros de azeite, cestos de legumes, potes de mel—um mundo!

Hoje — nada! Apareceu uma palavra nova: RACIONAMENTO. E êste, não chega. Tenho serios e fundados receios de não levar as COLONIAS ao fim. Nem eu nem o Padre Adriano em Miranda.

E contudo, Deus continua a ser Pai. Ninguém tão Pai! Os homens é que não são irmãos. E' o progresso. O progresso-sinho. E' caminha-se para a perfeição!...

Era noitinha. Tínhamos acabado a ceia e saíam agora os rapazes para suas casas, refeitório fora, em harmonioso desalinho. No atrio, estava uma mulher nova, com dois filhos ao colo seguida de um terceiro,—o Belmiro, como ao depois se soube. Não lhe quiz falar. Era o segundo caso do dia.

De manhã, precisamente no mesmo sítio, outra mãe com três filhos, tinha gemido seus males. Todas as razões que a gente lhes apresenta, são sem razão, se não aceitamos os filhos. Nem nos escutam, tão pouco, ocupados em relatar: *tome sequer um. Olhe, este.*

Se me fôsse permitido um desabafo, seria agora ocasião de o fazer, aqui, no jornal, rentinho ao coração de cada leitor, onde sinto ter um amigo. E' um desgaste que sofro no meu equilíbrio. Não é o caso do *cria fama e deita-te a dormir*. E' mas é um cortante—*desperta porque tens fama!* E desta sorte, não há quem não perca a paciência.

A noite ia caindo. Mãe e filhos estavam. Dois, dormiam no colo da mártir. *Sou de Sinfães*. E contou, contou, contou. Vergonha nossa. Desleixo nosso. Cristãos pintados!

Alguns dos nossos que iam naquele momento pra suas casas, ficaram, por curiosidade. Vi olhos entumecidos...! Desenganei a mulher: *vá comer, mas os filhos,—não*. Ela foi, e eu também fui espreitar de longe, por de traz dos vidros de uma janela, no escuro.

Vi dois dos da cozinha com tijelas de caldo na mão; e ainda um terceiro, com fatias do nosso pão. Eles, que brincam tanto, por tudo e por nada, guardavam silencio, ali, diante da magestade do quadro vivo, e passavam em oração. Quem ama, reza! Acabou o repasto. A Mãe levanta-se e lá vai.

—O' Veiga. Vai depressa. Diz aquela mulher que venha cá. Estavamos agora mais tranquilos. Tirante meia duzia, todos os nossos dormiam.

Aceitei o Belmiro. Seis anos de vida e de trabalhos. *Fique-me também com este de peito, que eu não tenho peitos!*

Não fiquei. O Belmiro chora. Quere ir com a mãe. A beleza mai-la abundância da nossa aldeia, não valem o que vale a mãe! Esta abaixa-se, com os dois ao colo: *oh meu filho, que aqui tens de comer!* Dá-lhe um beijo na face e desaparece na escuridão. Era noite fechada. O Veiga ao pé de mim, soluça!

—Que tens tu, meu filho?

—A desgraça desta Mulher!

Ele, que nasceu nas mesmas palhas, sente. Chama a desgraça do seu semelhante. E' necessário vir à nossa aldeia, abrigo do Rebotalho, para se conhecer quem são os verdadeiramente grandes! Aqui fica relatado o caso. Se o lêste com lágrimas nos olhos,—és feliz! Já em si, a descrição é linda, porém, muito mais lindo é saber-se que naquela noite, depois de ter saído das da Mãe, passou o Belmiro às mãos da Menina Idalina, que lhe deu um banho quente, uma tijela de leite e uma cama lavada.

Dias antes, tinha estado um trabalhador de Tarouca, tismado e chourado, agora viúvo. Veio a pé, com um filho de seis anos. Não ficou. Amanhã, é certo e sabido o que vem pelo correio, por mão própria e de companhia. Chego à Casa do Porto, fujo para Miranda, passo por Coimbra, regresso a Paço de Sousa, sempre o mesmo panorama. A nossa vergonha. A nossa culpa. A nossa incapacidade. E diz-se depois à boca cheia que se ama a Deus? Mentira!

Já colbemos as batatas dos pobres que estavam plantadas perto do moínho. Mas quando as fomos apañhar já lá não estavam quase metade. O Sérgio disse que as melhores é que tinham roubado. Passaram de classe alguns meninos que este ano andaram na escola. Os que andavam na terceira classe, foram hoje fazer exame ficaram todos bem. Faltou o Pipita que foi à Figueira vender o gaiato e ainda não voltou. Os da 4.ª só daqui a quinze dias é que fazem exame.

Os que foram vender os jornais a Coimbra trouxeram roupa usada para a casa, e um baloiço. Agora tudo quer andar ao mesmo tempo. Vão dois de cada vez e está uma bicha deles à espera.

Chegaram cá os dois seminaristas. Um foi ver a família, outro regressou à Casa do Gaiato. O João tem uma senhora que lhe paga os estudos, e o outro é a nossa conferencia. No domingo à noite ele ainda tentou tocar um verso mas o órgão parecia que tocavam muitas mãos ao mesmo tempo. Tiveram boas notas.

Chegaram as colónias de Férias. Vieram quase todos rotos e mal vestidos. Logo no primeiro domingo desafiaram-nos para jogarmos com eles. Não jogaram os dois melhores beques que nós temos que é o Sérgio e o Venâncio. Alinhámos com Chico, Carlos e Camilo; Alfredo Baltazar e Lopes, Fins e Bastos. Apenas jogamos com oito porque o campo é pequeno e não temos hola de couro para jogarmos. Vencemos por 10-0 Os autores dos «goals» foram o Bastos, Baltazar, Lopes e Alfredo.

O Balalaica e o Desconhecido foram para uma casa de anormais. Foi lá a costureira levá-los numa terça-feira. Ficou cada um a chorar para o seu lado dizendo, quero ir para a nossa casa. Em troca veio um pequenito de Belém encontrado pelos rapazes da Conferência de S. Vicente de Paulo da Casa Pia dos Jerónimos. Chegou cá mais outro que foi encontrado em Coimbra a pedir e diz que é de Pedrógão Grande. E' pequeno mas é mau e tem mau génio. A's vezes começa a dizer que se quere ir embora. Há pouco foi pedir ao Sr. Professor que o deixasse ir. Mas o sr. Professor perguntou-lhe:

—Então não queres dinheiro para a viagem?

—Quero, sim senhor!

—¿Quanto queres?

—Um tostão. Toma lá um tostão mas traz o troco.

—Sim, senhor, crescem ainda dez mil reis...

—«Bem se vê que é parvinho! Depois foi ao roupeiro pedir o fato. Ainda assim queria ir bem arranjadinho. Mas depois lá se lembrou que ia passar fome, já não quis ir.

Há dias o Manuelzito estava a estragar uma flor. O tio Pedro, que anda aqui a ganhar a jorna, vendo-o disse: Não estragues a flor. O Manuelzito respondeu: Isto aqui não é teu, é nosso. Depois o tio Pedro bateu-lhe e ele veio cá para cima a atirar-lhe com pedras. E' pequenino, mas é mau e tem génio.

